



FABRICAÇÕES DISCURSIVAS DE UM CORPO EDUCADO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Eixo Temático 12 - GÊNERO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS DO TEMPO PRESENTE

Charlene Pereira de Jesus ¹
Débora dos Reis Silva Backes ²
Juliana Farias Santos ³
Camila Barreto Cavalcante ⁴
Dinamara Garcia Feldens ⁵

RESUMO

As categorias mobilizadas nessa escrita, *mãe e professora*, carregam em si paradigmas impregnados pela cultura patriarcal ocidentalizada. Tal funcionalidade estabeleceu modelos de *ser mulher*, estruturado em um esquema de dominação, desenhando uma suposta “natureza” que vem a delinear formas de ser mãe e de ensinar. O estudo se ancora em Nietzsche (2017), Kergoat (2003), Federici (2019), Badinter (1985) e Rago (2019) para pensar a relação entre maternar e professorar a partir da produção de discursos que vêm ao longo dos mais variados contextos históricos educando o corpo para produção, reprodução e para o cuidado. Observamos confrontos com estratos históricos que demonstraram essa relação mãe/professora fortemente marcada por papéis de gênero produtores de sentidos que agenciam suas relações e seu trabalho.

Palavras-chave: Maternidade, Universidade, Docência, Educação, Discurso.

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, professoracharlene@hotmail.com

² Doutoranda pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, debsilvabac@gmail.com

³ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, juliana22fsantos1@gmail.com

⁴ Doutoranda pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, psicologa.camilabarreto@gmail

⁵ Professora orientadora: Pós-doutora em Educação pela Universidade Complutense de Madrid/UCM. Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, dinag.feldens@gmail.com



CAMINHOS QUE NÃO COSTUMAM SER PERCORRIDOS NA PÓS-GRADUAÇÃO

Esse texto insurge, movimenta, questiona, pulsa e sente. Um movimento subversivo de mulheres que produzem coletivamente outros sentidos, representações e histórias que, por muito tempo, foram contadas, cantadas, poemizadas, filmadas, teatralizadas, pintadas, esculpidas e escritas por um corpo padrão normalizado, lançando à lixeira da História muitos outros corpos.

Escrevemos a várias mãos e a vários corpos e contextos. Nasceram textos, emergiram questões, e escritas como esta que apresentamos. A gestação da proposta se deu na organização do referencial teórico de uma pesquisa de dissertação⁶, desenvolvido entre 2021 e 2023 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Dessa forma, esquadrinharam-se problemáticas vividas por mulheres professoras que são mães, herdeiras de paradigmas patriarcais que as aprisionaram em modelos de *mãe* e *professora*, representações essas que lhes impõem sanções em relação a experiências, aspirações, espaços, falas e saúde mental, demandando a importância de fomentar possibilidades desviantes de ser mãe, de ser professora, transbordando as fronteiras do que está posto como homogêneo e universal.

A MOLDURA CORPO-MULHER

A inserção do sujeito na cultura é intermediada por referências que obedecem a modelos validados, embora as circunstâncias contextuais ponham constantemente em xeque a estabilidade destes padrões (Zordan e Hoffmann, 2014). Para as autoras, com as representações marcadas pelas relações de poder, desvincular a formação das identidades do fluxo que estas relações estabelecem, se torna improvável.

Partindo dessa percepção, a “instituição de desigualdades” é tratada no âmbito social e da subjetividade. O poder age no interior das práticas, no cotidiano e no reconhecimento das identificações que nos classificam dentro de

⁶ Essa pesquisa objetivou perscrutar os processos de subjetivação que produziram as mulheres mães professoras, analisando as narrativas de três docentes da rede pública de ensino em Aracaju, Sergipe.



critérios estabelecidos, incididos sobre o corpo, produzindo imagens de um “corpo modelo”, responsável por um papel central dentro das inúmeras representações visuais contemporâneas (Zordan e Hoffmann, 2014).

Por conseguinte, os papéis de gênero, culturalmente se enraizaram nos modos de ser, currículos e relações, se fundamentando através das “normalidades”, instituindo mecanismos sociais, modelando sujeitos por meio de estereótipos que geram exclusão e discriminação de um determinado sujeito social, beneficiando outra matriz de sujeito social padrão, produzindo marcas e pistas que incidem como uma herança atualizada nos discursos do/sobre o corpo e do/sobre o feminino (Jordão, 2020).

O discurso se materializa na língua, inscreve e determina seu funcionamento, produzindo uma realidade. Apesar de haver uma estrutura que singulariza a língua, é necessário transpô-la, pensá-la em funcionamento para que seja possível alcançar os elementos envolvidos na produção de efeitos de sentido (Jordão, 2020). A partir de tal consideração, percebemos que o discurso não é mera transmissão de informação, se constituindo no contato do histórico com o linguístico, portanto, tecido socialmente (Carneiro, 2018).

A discursivização⁷ do feminino (Dornelas e Assolini, 2016) tomava forma, determinando as características consideradas específicas das mulheres, produzindo modelos de comportamentos, relacionamentos e modos de exercer funções laborais, como também descrito por Kergoat (2003) enquanto princípio de separação, que age enquanto organizador da divisão sexual do trabalho.

A partir do século XVIII, o capitalismo expandiu, objetivando uma organização econômica da sociedade. Nesse contexto, o corpo tornou-se alvo de atenção e investimento para atender as demandas da sociedade de consumo (Fontinele, 2020).

⁷ O processo de discursivização se constitui no conjunto de operações que se encarrega de transformar a Língua em Discurso, ou seja, é o que faz a passagem do significado (sentido genérico da Língua) para a significação (sentido específico do Discurso) (Pauliukonis, 2000, p. 93).



Ferraz (2016) descreve que, muito antes do século XIX, a religião e a teologia já haviam se encarregado de estabelecer elementos que justificavam a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Segundo Ribeiro (2000), a história da criação, citada na bíblia, conferiu à mulher um caráter derivativo, imperfeito e uma tendência “natural” para pecar, ideias que fundamentaram o imaginário social como naturais e universais, justificando atrocidades.

A produção de discursos sociais fundamentou molduras para o corpo mulher, como, o papel da mãe. Pressupostos bíblicos apontavam indexicalmente para uma maternidade sacralizada instituída pelo casamento heterossexual monogâmico, na qual a condição de mãe distanciava a mulher de uma condição mundana (Fontel, 2019).

O discurso literário, por exemplo, fundamenta uma imagem romantizada da mulher-mãe como realizada (Bernardes, Loures e Andrade, 2019), legitimando que, para além de um sentimento, tal amor se constituiria em um valor (Badinter, 1985) e conseqüentemente uma missão ou destino, pavimentando tal papel (comportamento/sentimento/postura) como essência e até atributo cognitivo.

Outro viés a ser considerado é o discurso propagado pela mídia, este atribui à maternidade um processo unicamente feminino, compulsório, que exige atenção prioritária e integral, além de reiterar e fortalecer assimetrias entre as funções paternas e maternas como algo natural (Bernardes, Loures e Andrade, 2019).

A mídia convoca esse corpo a obedecer manuais. Enquanto impulsionam a mulher a ser "somente mãe", no contexto contemporâneo em que a mulher está inserida no mercado de trabalho e ainda, muitas vezes, responsável pelas tarefas domésticas, existe a construção de um contradiscurso, exaltando a mulher que “dá



conta de tudo”, sem abrir mão de nada, atualizando não apenas a “Amélia”⁸, potencializando o mito da “mulher guerreira”.

SABERES E PODERES DEFINEM O LUGAR DO CORPO FEMININO

Diante das considerações, percebe-se tais representações enquanto reafirmação no desenvolvimento das relações de produção e reprodução da vida, fundamentadas na divisão social e na divisão sexual do trabalho que estruturam as desigualdades de gênero, configurando as identidades de masculino e feminino e os espaços a serem ocupados.

Nas civilizações ocidentais, o capitalismo atingiu o cotidiano das famílias, sendo que, a partir da modernidade, a ciência foi vista como principal paradigma, definindo o lugar para a mulher na sociedade moderna: encarregada da educação dos filhos e do cuidado da casa.

Federici (2019) traz uma percepção histórica sobre o fim da Idade Média, o feudalismo e início da sociedade capitalista, alinhando o fato do Estado moderno ter empreendido perseguições às mulheres e punições violentas e cruéis sobre hábitos e comportamentos aceitáveis: a profissão de parteira, às atividades coletivas de trabalho e celebração, o cultivo e a cura através das ervas medicinais, as práticas contraceptivas e o cotidiano de mulheres que viviam sozinhas.

A transição ao capitalismo exigiu uma nova divisão sexual do trabalho, os saberes antes cultivados e utilizados pelas mulheres, no contexto feudal, foram violentamente retirados passando a serem criminalizados (*bruxaria*). Assim, a ciência moderna, foi tomando espaço das antigas crenças e práticas ancestrais, as quais estavam sob a responsabilidade social das mulheres.

Considerando essa contextualização, foi possível percebermos o quanto o corpo feminino foi marcado por estereótipos, por diferentes motivações, em épocas diversas, porém, com um objetivo que se alinha: o controle.

Em *Genealogia da Moral* (2017) Nietzsche toma a moralidade como

⁸ Amélia se refere a personagem da música composta por Ataulfo Alves e Mário Lago, 1942, intitulada “Ai que saudades de Amélia”.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

problema filosófico, se propondo a investigar e compreender sob quais condições se originaram os juízos de valor e sua incorporação a partir do costume considerando que todo valor é uma criação humana.

Na investigação da Genealogia da moral são os pressupostos da consolidação da moral cristã que são questionados, introduzindo como suspeito o valor dos valores morais, ou seja, o transcendente. Com isto o problema se torna ainda mais abrangente, pois deverá promover um estudo a respeito do valor da compaixão e, por decorrência, da moral resultante desta.

Estabelecer a relação entre a contextualização sobre as mulheres e o conceito de moral proposto por Nietzsche proporciona perceber o quanto as imagens femininas foram produzidas, ora como representantes demoníacas, ora candidatas à canonização. Percorrer pelas construções dos valores morais que produziram o feminino possibilita esquadrihar o extenso leque de valores acoplados ao corpo mulher.

Quando os governos, na sociedade ocidental, passaram a preocupar-se com o "corpo" dos indivíduos, intensificaram-se novas formas de gerenciamentos da vida das populações, incluindo preocupações e cálculos acerca da reprodução, taxa de natalidade e de mortalidade como indícios da apreensão da vida pela política (Nielsson, 2020). Instituiu-se assim a transformação do político para o biopolítico, quando os fenômenos, próprios da vida do ser humano, perfazem o campo das técnicas políticas, estabelecendo-se as tecnologias disciplinares que foram assentadas enquanto práticas de "igualdade e liberdade" (Fischer, 2001).

O espaço doméstico acomoda violências severas, como agressões físicas, sexuais, psicológicas e patrimoniais, sendo possível alinharmos quais estruturas agenciam tais acontecimentos. Na mulher que é acusada pelo estupro sofrido, pela roupa que estava usando, o local onde estava, por estar sozinha, por estar bebendo, por ter uma vida sexual. Na criança de dez anos de idade convocada a pensar na possibilidade de parir um bebê concebido por estupro, sendo por muitas vezes o abusador o próprio pai.

Na mulher trabalhadora e/ou estudante e/ou pesquisadora e se compreende entre culpas circulares, que viajam do pouco tempo com as crias, à insuficiente



produtividade laboral/acadêmica. Em cada uma, os reflexos da estrutura patriarcal baseada em preceitos valorativos morais, que impregnaram discursos, construíram uma camada densa de naturalidade e universalidade, e uma equivocada ideia de verdade absoluta potente, que até mesmo o fato de questioná-la, evoca sentimentos de inadequação.

DA FÁBRICA AO SINGULAR

Os binarismos impostos pelos modelos, os quais Nietzsche questiona instigam a determinação de valores, porém, como visto, tais valores foram produzidos culturalmente, não se originaram de uma transcendência e podem se transformar em outros valores. O conhecimento dessa genealogia proporciona um deslocamento, de tal forma que, se pensarmos nos estereótipos de boa mãe e de professora ideal, poderemos perspectivar caminhos outros que possam aderir à potência de vida das mulheres, contornar valores morais e a eterna culpa imposta.

De acordo com Rago (2019) Foucault destaca a importância de se produzirem outros modos de subjetivação, capazes de escapar das formas assujeitadoras e a essa lógica de conduta estabelecida pelos discursos hegemônicos. As possibilidades e urgências dos movimentos de contraconduta.

A autora ressalta como os feminismos, vêm se configurando como contraconduta possível, questionando os modelos de feminilidade e apontando para a necessidade de criação de novos espaços sociais, promovendo produções de novas formas de subjetividade, de invenção das políticas de nós mesmas.

Propõe-se contribuir, a partir dessa discussão, para pensar esses discursos envolvidos na produção da mãe e da professora, e desarticular muitas situações consideradas naturais vividas por mulheres, mas que produzem corpos que lutam entre deveres e possibilidades.

A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher, esquadrinha a realidade da maternidade como elemento para as mulheres, pois sofrem algum tipo de cobrança social. Por motivos diversos, culturais, sociais e históricos,



maternar tornou-se algo compulsório, deliberando culpas, terem dúvidas e medos com relação a serem mães, pela exigência do “instinto maternal”.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. In: **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 1985.
- BERNARDES, Ruane; LOURES, Amanda Freitas; ANDRADE, Barbara Batista Silveira. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 68-75, 2019.
- CARNEIRO, Ceres. “A CULPA (NÃO) É DA OUTRA”? O discurso sobre triângulos amorosos no “consultório sentimental” da revista Claudia. Tese de doutorado, Niterói/RJ: UFF, 2018.
- DORNELAS, Camila Carrari; ASSOLINI, FILOMENA ELAINE P. A discursivização do feminino e suas relações com a docência: memória e atravessamentos discursivos. **Entremeios: rev estudos disc**, v. 12, p. 45-64, 2016.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo : Elefante, 2019.
- FERRAZ, Ana Paula Moutinho. A CONSTRUÇÃO DO IDEAL FEMININO. In: **Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. 2016. p. 270-281.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, p. 197-223, 2001.
- FONTEL, Luana. Mães na universidade: Performances discursivas interseccionais na graduação. **Orientadora: Adriana Carvalho Lopes**, v. 102, 2019.
- FONTINELE, Thaís Pinto; DE ARAUJO COSTA, Márcio José. A normatização do corpo feminino e os modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista Subjetividades**, 2020, v. 20, n. 1.
- JORDÃO, Aline Bedin et al. **Discurso, sujeito e corpo: a grafia da dor como ins (es) crituração de si**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: **Coordenadoria Especial da Mulher**, p. 55-63, 2003.



NIELSSON, Joice Graciele. Corpo Reprodutivo e Biopolítica: a hystera homo sacer. **Revista Direito e Práxis**, v. 11, p. 880-910, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução e notas Inês A. Lohbauer. São Paulo: Martin Claret, 2017.

RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180515, 2019.

RIBEIRO, Silvana Mota. **Ser Eva e dever ser Maria**: paradigmas do feminino no Cristianismo. 2000.

ZORDAN, Paola; HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. Movimentos das identidades e subjetividades na produção de modos de vida. **Quaestio: revista de estudos de educação**. Sorocaba, SP. Vol. 16, n. 2 (nov. 2014), p. 283-296, 2014.